

Imigração e colonização alemãs no Rio Grande do Sul: levantamento historiográfico

René E. Gertz

Definição do objeto

Particpei de vários eventos anteriores dedicados à imigração e à colonização italianas, e sempre tentei abordar temas que estabelecessem vínculos, comparações com a presença de alemães e descendentes (GERTZ, 1996; 2007; 2008; 2015). Tendo recebido novo convite para falar, aqui, a tarefa ficou um pouco dificultada, pois devo abordar, de forma específica, a historiografia. Resolvi concentrar-me na produção acadêmica, mas encontrei número relativamente reduzido de estudos que tratam de “alemães” e “italianos”. Isto me levou a optar por um enfoque unilateral. Abordarei apenas trabalhos que tratam das regiões de colonização alemã, no Rio Grande do Sul. O objetivo é indicar características, tendências, para que pesquisadores da imigração e colonização italianas – e outros – possam estabelecer comparações. No final do texto, alguns parágrafos serão dedicados aos escassos textos em que ambas as regiões ou ambos os grupos são referidos.

Em 2010, comecei a coordenar um projeto de iniciação científica que visou ao levantamento de bibliografia sobre o processo de imigração e colonização alemãs no Rio Grande do Sul. Entrementes, a lista contém mais de 5.000 referências. Ela inclui livros, capítulos de livros, artigos de revistas, trabalhos acadêmicos (como dissertações de mestrado e teses de doutorado – excluídos trabalhos de conclusão de curso de graduação).

Diante da grande quantidade de registros, selecionei as dissertações e as teses defendidas durante a década passada (2010-2019), na pressuposição de que elas refletem os interesses de pesquisadores e de pesquisadoras profissionais que as confeccionaram e dos professores e das professoras que as orientaram. Claro, não posso reivindicar que meu arrolamento esteja completo; é possível que o número seja maior, mas tenho certeza de que é suficientemente significativo para encará-lo [88] como

amostra válida das tendências, no período indicado. São 58 teses e 154 dissertações, num total de 212 estudos.¹ Mesmo que eu seja historiador, a lista reúne trabalhos referentes àquilo que se pode classificar como área de Humanidades, incluindo, eventualmente, trabalhos de áreas técnicas, quando abordam aspectos “humanos”.²

Tenho dúvidas se consegui lidar adequadamente com esta grande quantidade de material, na tentativa de descobrir tendências, focos temáticos etc. Estou plenamente consciente de que fui tateando, e que o resultado não constitui nenhum texto antológico, antes uma tentativa limitada. A impressão final que eu mesmo tive foi a de que não consegui muito mais que amontoar uma série de parágrafos sobre cada um dos temas ou dos enfoques abordados, que penso ter visualizado.

Apresentação dos dados

[89] Uma primeira preocupação foi a de definir a origem “departamental” dos estudos, dentro da estrutura universitária. O valor deste procedimento é relativo, pois há trabalhos de História que são claramente “sociológicos”, há trabalhos de Literatura e das Ciências Sociais com caráter “histórico”. A listagem abaixo apresenta os números. No lado esquerdo, está a quantificação pura e simples, mas como a categoria “Desenvolvimento Regional” é muito fluida, e a totalidade dos temas efetivamente abordados se enquadra em uma das demais categorias, a rubrica foi dissolvida; da mesma forma, os dois trabalhos produzidos em cursos de pós-graduação em Enfermagem foram deslocados para “Ciências Sociais”, pelo simples fato de que o tema é claramente “sociológico”. Por isso, um quadro mais fiel da distribuição das pesquisas está no lado direito da lista.

História	63		História	63
Letras (Linguística/Literatura)	32		Letras (Linguística/Literatura)	32
Educação	26		Patrimônio Cultural	31
Patrimônio Cultural	25		Educação	28
Desenvolvimento Regional	15		Ciências Socais	17

¹ Considerando que minha listagem não deve estar completa, pode-se partir do pressuposto de que, na década em questão, foram produzidas, em média, duas dissertações e/ou teses por mês sobre o processo de imigração/colonização com imigrantes alemães e descendentes.

² Neste sentido, minha lista inclui, no mínimo, dois trabalhos da área de Enfermagem, cujo tema não é técnico, mas, sim, claramente “antropológico” ou “sociológico”, o suicídio.

Teologia/Ciências da Religião	10		Teologia/Ciências da Religião	10
Geografia	8		Geografia	8
Ciências Sociais	8		Arquitetura/Urbanismo	6
Arquitetura/Urbanismo	6		Turismo	5
Turismo	5		Educação Física	4
Educação Física	4		Antropologia	3
Antropologia	3		Direito	2
Direito	2		Artes/Música/Comunicação	3
Enfermagem	2			
Artes/Música/Comunicação ³	3			

Uma primeira observação refere-se à expectativa pessoal “frustrada” pelo fato de a Antropologia comparecer com apenas três entradas, quando vários estudiosos identificados como antropólogos foram pioneiros, clássicos sobre o tema imigração e colonização.⁴

A lista é “objetiva”, pois definida pelos dados constantes nos próprios trabalhos acadêmicos, referindo-se aos “departamentos” em que foram apresentados e defendidos, dentro das universidades. Mas o interesse maior, aqui, não é por esta classificação formal. Num sentido mais “subjetivo”, importa descobrir temas preferenciais, enfoques, conclusões etc. Com esta finalidade, foi criada uma nova listagem, em que as categorias não estão todas no mesmo nível nem a classificação de determinada tese ou dissertação se dará, necessariamente, por apenas uma delas. Para exemplificar, um estudo pode estar classificado na categoria “Literatura”, mas também na de “Economia” e de “gênero”, pois se dedica à análise de um romance cuja personagem central é uma mulher-empresária. Com isto, o número total de referências (212) deixa de ser relevante – passando a ser maior.⁵

Deve-se destacar, com muita ênfase, que nas referências a serem feitas a estas novas categorias o objetivo não é fazer uma resenha dos trabalhos, sobretudo uma resenha “crítica”, no sentido de avaliar a importância, a qualidade ou a correção dos textos. Opiniões pessoais [90] poderão transparecer, mas não devem ser vistas como objetivo central visado.

³ Aqui, se trata de uma ocorrência em cada uma das três áreas.

⁴ Egon Schaden, Emílio Willems, Giralda Seyferth, Manuel Diégues Júnior, Thales de Azevedo.

⁵ Como se vê na nova lista, os 212 estudos acabaram sendo classificados 256 vezes, dentro das 16 categorias criadas.

Repassando trabalho a trabalho, acabei criando, de forma mais ou menos intuitiva, 16 categorias. O caráter intuitivo – eventualmente, arbitrário – pode ser exemplificado pela categoria “sul”. Com uma dedicação de mais de 40 anos ao estudo do assunto em foco, não havia como não constatar que o processo de imigração e colonização no sudeste do estado, abrangendo, em especial, o espaço geográfico em torno de Canguçu, Pelotas, São Lourenço do Sul e alguns outros municípios menores, era pouco conhecido pelo público em geral, e mesmo a bibliografia a respeito era escassa. Para destacar a quantidade de trabalhos dedicados ao tema, na última década, pareceu válido contabilizá-los numa rubrica própria. O número absoluto indicou para 22 ocorrências, representando mais de 10% do total, índice não desprezível. Deste total de 22, 10 trabalhos se dedicam, de forma expressa, aos “pomeranos”, um grupo específico dentre os imigrantes e colonizadores “alemães” da região. Ainda que não se saibam as razões, o fato sugere que o volume de estudos não decorre apenas de fatores “objetivos”, no sentido de que a região tivesse adquirido maior importância socioeconômica, política ou demográfica, a qual se teria refletido no aparecimento de mais estudos sobre ela – antes, parece que fatores “subjetivos” levaram a uma tentativa de valorizá-la.

Memória/Identidade	54		Política	26
Educação	22		“Sul”	22
Língua	20		“Outros”	18
Dinâmica social	17		Turismo	16
Personagens	16		Literatura	11
Associativismo	10		Artes	8
Economia	5		Gênero	4
Meio ambiente	4		Imprensa	3

Começando pela categoria “memória/identidade”, cabe repetir que chamou atenção o fato de que (de acordo com a primeira lista) apenas [91] três antropólogos profissionais dedicaram dissertações ou teses à imigração e colonização alemãs, no período considerado, mas, de fato, aspectos “antropológicos” constituem a categoria com o maior número de ocorrências, de forma que este papel foi exercido por estudiosos de outras áreas. Quase metade dos trabalhos listados nesta categoria têm

como tema patrimônios culturais, materiais e imateriais. A abordagem de algum tipo de manifestação identitária expressa vem logo a seguir, mas deve-se destacar que apenas dois estudos (de uma mesma autora) abordam, nominalmente, a “germanidade”. No mínimo cinco são dedicados a museus. Festas típicas (com destaque para o *Oktoberfest*, em diferentes lugares do estado) e manifestações folclóricas também aparecem nesta rubrica.

Em segundo lugar, aparece a categoria “política”. Este é um tema que sofreu mudança palpável desde, aproximadamente, 1980 – e devo dizer, sem falsa modéstia, que participei deste processo. Até então, as regiões de colonização alemã eram vistas como *loci* de algo que se poderia chamar de “apolítica” ou mesmo “antipolítica”, quando até trabalhos que se apresentavam como resultantes de “pesquisa de campo” (e não simples “ensaios”) reproduziam o senso comum de que ali vigorava o mais absoluto abstencionismo, o total desinteresse pela vida política brasileira, descambando, eventualmente, até para ações atentatórias ao Estado brasileiro, em virtude de um apego messiânico ao país de origem. Nos últimos 40 anos, porém, ficou claro que não só fenômenos como nazismo e integralismo não podem ser explicados como produtos de “populações marginais”, mas que há evidências de profundo envolvimento com a vida política brasileira cotidiana no período imperial, na Revolução Federalista (1893-1895), na Primeira República, quando há aproximação ou equiparação às práticas coronelistas que vigoraram no Brasil em geral, e também no Rio Grande do Sul – seja com nuances em algum sentido específicas, seja com características que não se diferenciaram em nada das do restante do estado e do país todo.

E esta tendência historiográfica “revisonista” ainda não terminou. Dos 26 trabalhos que podem ser classificados como dedicados a temas políticos, um terço refere-se a realidades políticas “normais”, cotidianas, como as citadas. Mesmo assim, é digno de nota o fato de que nada menos que metade do total das teses e dissertações desta rubrica ainda aborda temas que têm alguma relação com o contexto da Segunda Guerra Mundial – envolvendo nazismo (e seus supostos ou efetivos reflexos posteriores no “neonazismo”), nacionalização e temas afins. Isto sem esquecer que uma tese de doutorado defendida nos EUA dedica ao menos um capítulo a este processo (GOODMAN, 2015).

Dentro do processo de nacionalização, no entorno da Segunda Guerra Mundial, o romance *Um rio imita o Reno* de Vianna Moog exerceu papel não de todo desprezível, já que ninguém menos que Érico Veríssimo se teria envolvido em dar-lhe formato

definitivo para potencializar seus efeitos; uma vez publicado, teve estrondoso sucesso de vendas, e a Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul lhe atribuiu tal importância que comprou grande número de exemplares para doar às bibliotecas escolares. E este romance foi tema de, no mínimo, cinco trabalhos aqui arrolados. Isto mostra que, se a política “normal” ganhou espaço, o período excepcional e traumático do período do Estado Novo ainda desperta interesse considerável entre os pesquisadores.

Considerando que as “colônias alemãs” apresentaram, historicamente, níveis de alfabetização razoáveis, resultado de esforços de construção e de manutenção desde simples escolas rurais, onde um professor-colono ensinava escrita, leitura e matemática básica, até escolas secundárias de boa qualidade, algumas das quais sobrevivem até hoje, com qualidade reconhecida – sem considerar as posteriores “universidades comunitárias”, que, em parte, derivaram desta experiência –, não admira que o tema “educação” continue interessando a pesquisadores. Ela consta como terceira categoria mais frequente na lista.

Nas 22 ocorrências registradas neste levantamento, não é fácil agrupar conjuntos temáticos. É verdade que aspectos educacionais relacionados a organizações religiosas estão presentes em quatro casos, e um mesmo número aborda a questão da nacionalização, no período do Estado Novo; há ainda três casos em que cartilhas ou livros didáticos são analisados. Mas no mais, há diversidade de assuntos e de perspectivas, que passam pelo fomento da “germanidade”, quando referentes ao passado, ou pela racialização, quando referentes ao presente, e vários outros aspectos.

Não se pode deixar de fazer referência a uma constatação algo surpreendente em relação a uma dissertação de mestrado e a duas teses de doutorado que, sob ângulos diferentes, se dedicam ao ensino de matemática, na “colônia alemã”. Numa área em que, certamente, poucos leitores esperariam deduções sobre aspectos “antropológicos”, sobretudo “críticos”, estes, de fato, são expressamente abordados. Não [93] se sabe se houve algum contato entre os autores, mas os três trabalhos foram concluídos entre 2015 e 2017, ainda que em instituições universitárias diferentes, localizadas na região metropolitana de Porto Alegre. Como em todo este texto não se trata de fazer uma *avaliação* dos estudos – neste caso, inclusive me faltam conhecimentos sobre que seja “etnomatemática”, por exemplo –, restrinjo-me a manifestar certo grau de surpresa, pois sempre imaginei que o ensino de matemática, mesmo nas escolas rudimentares do interior, deu contribuição importante para o domínio básico dos números – e que tudo

isto teria a ver com o cotidiano dos colonos, para, eventualmente, não se deixarem enganar pelos comerciantes.

Mas uma dissertação de mestrado chegou a uma conclusão diferente. Cite-se uma frase do resumo: “É possível afirmar que os conteúdos aprendidos na escola eram concebidos como jogos de linguagem marcados pelo formalismo e abstração, que objetivavam ensinar o alfabeto, a leitura, a escrita, *decorar a tabuada* e, principalmente, estudar a bíblia”. Desta forma, o ensino recebido pelos entrevistados referidos na dissertação “não foi responsável pela geração dos saberes dos colonos, pois esses foram aprendidos de geração a geração e aprimorados pelos colonos de acordo com a necessidade de sua utilização, uma vez que os próprios colonos afirmam que na escola não aprenderam nada ‘sobre a roça’” (KROETZ, 2015, p. 8 e 139, respectivamente).

Numa tese de doutorado também defendida em 2015, a passagem “problemática” apresenta outro viés. Ao contrário daquilo que se poderia esperar, eventualmente, de um livro didático de leitura, aqui a presença de racismo é apontada num livro didático de matemática. Deve-se destacar que não é o autor da tese que, a rigor, faz a denúncia, ele transcreve críticas da própria época (início dos anos 1930) (KUHN, 2015, p. 275).

Finalmente, uma tese de doutorado concluída em 2017 surpreende – ao menos ao leigo no assunto –, porque o senso comum imagina que se ensinava matemática nas escolas para instrumentalizar os colonos a sobreviver em meio aos desafios da vida cotidiana. Aqui, porém, se lê que “sobre a matemática escolar, constatou-se que para os familiares dos participantes da pesquisa era importante que seus filhos dominassem as regras e os jogos de linguagem da matemática escolar, para, com isso, ‘honrar’ sua descendência alemã e preservar o *Deutschtum* [a germanidade]. Também foi possível identificar dois rituais de mate[94]mática escolar que operavam como forma de reforçar a manifestação da verdade de que os ‘alemães são superiores’” (JUNGES, 2017, p. 7).

Ao contrário daquilo que se lê na anteriormente citada dissertação sobre formalismo e abstração do ensino – incluindo o de matemática – na “colônia alemã”, denunciados pelos entrevistados daquele trabalho, aqui se diz que “apropriar-se dos jogos de linguagem da matemática escolar era valorizado tanto pela população quanto pelos familiares, conduzindo os escolares a considerar que saber matemática escolar era condição necessária para que fossem identificados como ‘bons alemães’” (JUNGES,

2017, p. 7). Claro, esta última frase também pode ser lida como autocrítica – e neste sentido, não estaria em oposição às afirmações dos entrevistados anteriores.⁶

A rubrica “sul” não requer comentários mais amplos, cabendo registrar, apenas, que a distribuição das temáticas não difere, de forma acentuada, do restante do estado. Há motivos para reforçar a suspeita de que a própria quantidade de trabalhos dedicados a este espaço geográfico tenha a ver com um processo de conscientização e valorização da identidade regional – lembrando que em 10 do total de 22 estudos a palavra “pomerano” aparece nos títulos, forte indício de valorização desta identidade específica, inclusive para fins turísticos.

Mesmo que o senso comum indique que o uso da “língua” está regredindo, nas regiões de colonização alemã do Rio Grande do Sul, 20 estudos se dedicam, de forma expressa e integral, a este tema. É verdade que não se nota uma preocupação maior com a sobrevivência (ou não) do alemão-padrão (*Hochdeutsch*) – a quase totalidade dos trabalhos se dedica a dialetos, com destaque para o *Hunsrückisch*. Por isto, a atenção se volta, em especial, para populações rurais, procurando averiguar a situação, envolvendo o próprio ensino da língua nas escolas, e, sobretudo, os efeitos do uso de dialetos sobre o bilinguismo ainda existente, em alguma medida – aí incluídos reflexos sobre a convivência escolar cotidiana (PAUTZ, 2015).

A rubrica “outros” foi criada para listar aqueles trabalhos que se dedicam a algum aspecto envolvendo contato ou convivência com outros grupos, outras “etnias”. Neste conjunto, nota-se uma tendência clara, pois, dos 18 estudos nele classificados, 12 envolvem negros (alguns poucos casos incluem populações popularmente chamadas “caboclas”); [95] apenas três casos tratam de relações com outros brancos, dois abordam a presença indígena, e um se dedica à convivência histórica tanto com brancos quanto com negros, em uma determinada localidade. Nos três casos em que é abordada a relação com outros brancos, a ênfase recai sobre conflitos decorrentes de preconceitos. Ainda que este aspecto não esteja ausente em parte das demais ocorrências, nem todas as dissertações e teses que tratam da relação com negros enfatizam este aspecto.

As 17 pesquisas classificadas como de “dinâmica social” poderiam ser classificadas também como de “história social”, ainda que algumas se refiram ao “tempo presente”. Trata-se, em grande parte, de estudos sobre a constituição e a realidade socioeconômica de comunidades rurais – com 8 casos. Cinco tratam de

⁶ Repita-se: apesar de certo estranhamento sobre estas afirmações, não se está resenhando estes trabalhos.

dinâmicas urbanas; três abordam aspectos problemáticos, em contexto rural, como anomia, criminalidade, saúde. Apenas uma tese se propõe a fazer uma análise mais ampla (BRUM Neto, 2012), envolvendo não só regiões de colonização alemã, mas também italiana, motivo pelo qual será retomada mais adiante.

Em algum sentido coerente e previsível, o grande número de estudos dedicados ao binômio memória e identidade se reflete na instrumentalização de ambas para o desenvolvimento e a promoção do lazer sob uma perspectiva especificamente “alemã”. Assim, do total de 16 dissertações e/ou teses dedicadas ao “turismo”, nove tratam de forma direta de patrimônios naturais ou culturais com potencial para atrair a curiosidade alheia. Sete se referem à culinária, mas isto não no sentido de garantir a sobrevivência física das populações, e sim no sentido de sua especificidade étnica – no fundo, também para atrair turistas.

“Personagens” de destaque são tema de, no mínimo, 16 trabalhos. Ainda que alguns sejam multifacetados – como Karl von Koseritz, que pode ser visto como político, como jornalista e sob vários outros ângulos, e é tema de três estudos –, cerca de um terço dos títulos são dedicados a políticos.⁷ Mas chama atenção o fato de que artistas e pessoas que se destacaram em outras áreas tenham recebido atenção. Neste sentido, são dignas de registro duas dissertações e duas teses que se dedicam à obra do artista plástico Pedro Weingärtner. O conhecido padre “associativista” Theodor Amstad e os ecologistas Henrique Roessler e José Lutzenberger também estão na lista.

[96] Em outro lugar, mostrei que até mais ou menos 50 anos atrás imigrantes alemães e descendentes não se destacavam pela produção literária – e aquilo que produziam é considerado de baixa qualidade – nem tiveram papel relevante como personagens na ficção de autores brasileiros de outras origens (GERTZ, 2017). Isto mudou, ao menos em parte, pois para 11 teses e/ou dissertações aqui computadas, a “literatura” constitui tema central. Como já destacado, praticamente na metade delas o assunto está relacionado com o tema “nacionalização”, durante o Estado Novo brasileiro, especificamente com o romance *Um rio imita o Reno* de Vianna Moog. Duas são dedicadas a conhecidos autores contemporâneos e sua abordagem de temas “coloniais” (Josué Guimarães e Luiz Antonio de Assis Brasil). A produção literária de Karl von Koseritz e de Arno Philipp aparece em duas (uma para cada um dos dois). Dois autores contemporâneos da Alemanha que dedicaram obras ficcionais aos

⁷ Guilherme Gaelzer Neto, Jacob Kroeff Neto, Karl von Koseritz, Lindolfo Collor, Siegfried Emanuel Heuser.

descendentes de imigrantes no Rio Grande do Sul estão numa dissertação. Uma sociedade de leitura, no interior do estado, é tema de outra dissertação.⁸

O “associativismo” certamente é uma característica que amplos setores do senso comum relacionam com a “colônia alemã”. O tema continua despertando interesse, com 10 estudos dedicados a ele. Digno de registro é a constatação de que metade deles se ocupa com o associativismo esportivo.

“Artes” – com cinco casos dedicados às artes plásticas e três à música – aparecem antes em função de estudos dedicados a personagens de destaque no respectivo campo de atividade que como fenômeno coletivo.

Podendo ser vistos como áreas que se localizam em pontos distantes entre si, num espectro temático, “economia” e “gênero” chamaram atenção pelo número de ocorrências abaixo da expectativa. Tradicionalmente, a produção historiográfica (dileta e acadêmica) costumava apresentar a imigração e a colonização alemãs sob dois enfoques opostos – o socioeconômico e o político-cultural. O segundo quase sempre refletia preocupações com a suposta falta de “assimilação” das populações, com o “enquistamento” étnico, com problemas de “segurança nacional”. Mas aqueles autores que se dedicavam à contribuição material destas mesmas populações tendiam, de forma clara, a apresen[97]tar um quadro positivo, com destaque para transformações na estrutura fundiária do estado, no tipo de agropecuária praticado, no incremento do comércio, no desencadeamento do artesanato e de um processo de industrialização. Ainda que estes elementos ainda estejam presentes, causa estranheza o reduzido número de trabalhos que abordam o tema.

De outra parte, ninguém pode negar que questões de “gênero” borbulharam em publicações, na última década, não só no Brasil, mas, no mínimo, em todo o mundo ocidental. Por este motivo, também em relação a este tema cabe registrar alguma estranheza, pois em apenas quatro estudos esta temática ocupa espaço digno de menção. Uma tese de doutorado trata do envolvimento feminino com trabalhos manuais; uma dissertação aborda a religiosidade entre mulheres-colonas; outra analisa personagens femininas em obras de ficção; e, finalmente, uma quarta estabelece uma relação entre gênero e suicídio.

Uma última observação refere-se às duas rubricas menos contempladas, “meio ambiente” e “imprensa”. Em relação à segunda, não há dúvida de que ela exerceu papel

⁸ Cabe referir que, num trabalho que aborda o romance *Um rio imita o Reno*, há espaço considerável dedicado a Lya Luft e a Charles Kiefer.

extremamente importante durante os cerca de 90 anos que vão de 1850 a 1940. Com a repressão que se verificou durante a Segunda Guerra Mundial, perdeu sua importância, e hoje em dia praticamente inexistente imprensa em língua alemã – situação que pode explicar o baixo interesse por sua história.

Como na questão de gênero, os debates em torno do meio ambiente ocuparam espaço muito grande nas últimas décadas, pelo mundo afora, incluindo o Brasil. Mas também aqui o número de estudos a respeito – quando se trata da “colônia alemã” – não sugere uma quantidade de ocorrências proporcional àquela do país como um todo. E os enfoques sugerem certo “equilíbrio” na avaliação do papel das populações de origem alemã, neste campo: enquanto, por um lado, se fazem acusações à sua responsabilidade pela destruição da natureza, no estado, há, porém, por outro lado, destaque à contribuição de personalidades oriundas desta mesma população que foram responsáveis pelo surgimento de importantes movimentos ecologistas e de luta pela preservação do meio ambiente.

Teuto-brasileiros e ítalo-brasileiros

Após esta breve apresentação da produção acadêmica sobre imigração e colonização alemãs no Rio Grande do Sul, passo a referir alguns estudos que apresentam maior afinidade com este evento. Trata-se de [98] quatro dissertações e de três teses que envolvem tanto alemães e descendentes quanto italianos e descendentes. Ainda que também aqui não será feita uma análise, uma resenha, tomei a liberdade de ser um pouco mais “opinativo”, arriscando algumas observações eventualmente “críticas” – mesmo assim, sem qualquer pretensão de aprofundamento.

Esta interferência pessoal, subjetiva começa com a ordem em que os estudos serão apresentados – primeiro, aqueles a que darei menor espaço, depois, aqueles em que investirei um pouco mais.⁹ Por este critério, no início está uma dissertação de mestrado da área de Linguística, elaborada por Aline Regina Horbach intitulada *A variação do ditongo nasal ão nas comunidades bilíngues de Panambi e Flores da Cunha, no Rio Grande do Sul*.

⁹ Isto não significa, em absoluto, um julgamento sobre a importância e a qualidade dos trabalhos, dentro da sua área, nem uma hierarquização entre eles, no sentido de que os primeiros citados sejam inferiores àqueles que serão abordados lá no final. Trata-se, aqui, unicamente de uma avaliação específica para os objetivos gerais deste texto.

Está muito difundida, no senso comum, a opinião de que grande parte das populações descendentes dos dois fluxos migratórios em questão fala português com sotaque. A dissertação de Aline Horbach trabalha com metodologia e dados técnicos da sua área, a Linguística, pouco familiares a um leigo; além disso, seu recorte é limitado, pois se concentra no ditongo final (*ão – am*), como em “pão – *pon*”, “tiravam – *tiravon*”. Mesmo assim, nutro uma expectativa pessoal para saber se são os “alemães” ou os “gringos” que falam com mais sotaque, neste estado. A autora não deu uma resposta clara, pois a pesquisa não teria indicado para uma tendência inequívoca, já que fatores não “étnicos” teriam tido interferência não desprezível nos índices apurados: “De modo geral, temos condições de reafirmar, através dos nossos dados, que a variação do ditongo final de vocábulo em comunidades bilíngues é uma regra variável no sistema, condicionada por fatores linguísticos e sociais, particularmente pela tonacidade do alvo e extensão do vocábulo e pela escolaridade, idade e sexo do informante”. Mesmo que, pouco adiante, a autora afirme que “o processo de variação do ditongo *ão* parece ocorrer de maneira diferente dentro das localidades italiana e alemã”, não há um detalhamento daquilo que isto significa, em termos concretos (HORBACH, 2012, p. 89 e 91, respectivamente).

Se coloco uma tese de doutorado de Cristiano Gehrke, sobre *Imagens e cotidiano de imigrantes alemães, franceses e italianos e seus descendentes na Serra dos Tapes: descrição e interpretação dos acervos fotográficos do Museu da Imigração Pomerana, Museu da Colônia Maciel e Museu da Colônia Francesa*, em segundo lugar, isto não tem nada a ver com uma eventual avaliação de sua qualidade. Trata-se de um trabalho muito extenso, e baseado em impressionante quantidade de fontes.

Conforme indicado no título, o autor fez um estudo minucioso dos acervos fotográficos de três museus surgidos, não muito tempo atrás, no processo de autovalorização daquilo que chamei de “sul”, isto é, a região de Canguçu-Pelotas-São Lourenço do Sul. Os locais em que eles se localizam são uma “colônia alemã” (na verdade, “pomerana”), uma “colônia italiana” e uma “colônia francesa”. O autor utilizou este material para deduções sobre o cotidiano destas populações, no decorrer de sua história. Para isso, dividiu as fotografias em nove campos, que vão da arquitetura, passam pela educação, pelo lazer, pela religiosidade, para chegar ao transporte.

Como aqui interessa a comparação entre “alemães” e “italianos”, o autor informa que as diferenças entre eles “podem ser atribuídas principalmente às suas diferentes origens étnicas. Já as similaridades podem ser atribuídas a uma série de

fatores, sendo que o principal seriam os contatos interétnicos ocasionados principalmente pela proximidade geográfica dos núcleos coloniais e também de sua inserção em uma ruralidade condicionada às características naturais da região e à inserção desta no desenvolvimento social, econômico e territorial brasileiro, próprio à região sul do Rio Grande do Sul” (GEHRKE, 2018, p. 579).

Na parte prática, porém, aparecem algumas dificuldades, pois a própria origem das fotografias é bastante diversificada. Num museu, elas podem ter-se originado de doações de grande número de moradores, de forma que representariam uma “média” do interesse da população ou, ao menos, dos fotógrafos; no outro, todas podem ter sido doadas por uma única família, não refletindo, portanto, de forma necessária, uma situação mais ou menos generalizada. Mas independente deste aspecto metodológico, a impressão geral é a de que as similitudes são maiores que as diferenças. A rigor, as diferenças são poucas. Aponto duas, para indicar sua direção.

Ao chamar atenção para o fato de que, ao contrário dos museus “francês” e “italiano”, o museu “alemão” apresenta poucas fotografias sobre vida escolar, a explicação apresentada é a seguinte: “Ora, para os imigrantes alemães não era necessário que existissem fotografias de [100] escolas. Afinal, quase todos sabiam ler e escrever, e isso demonstrava que estes tinham frequentado uma instituição escolar, por mais precária que fosse. Já entre os imigrantes franceses e italianos, essa frequência nem sempre ocorria, e a fotografia surge então como uma forma de demonstrar um grau de importância que a educação não teve nestas comunidades” (GEHRKE, 2018, p. 590).

Nas mais raras fotografias sobre vida escolar dos “alemães”, até se poderia enxergar uma indicação de que tinham uma visão mais ampla em direção ao futuro que “franceses” e “italianos”, pois “uma pequena diferença constatada entre os registros das três instituições é que nas fotografias do Museu da Imigração Pomerana, geralmente ficava posicionado em frente aos alunos um quadro com uma inscrição. Nessa inscrição, constava o nome da escola, o nome do professor, a localidade onde o educandário estava localizado, bem como a data em que o registro foi produzido. De grande ajuda para pesquisadores, pois ali constam informações importantes, e que muitas vezes facilitam a identificação de personagens” (GEHRKE, 2018, p. 591).

O segundo exemplo refere-se a um tema folclórico sobre a suposta ou efetiva forma de lidar dos “alemães” com a nudez: “Banhos de rio ou de lagoa, aqui conhecidos como banhos de praia, eram uma outra prática de lazer bastante apreciada, que pode também ser uma forma de higiene, uma vez que, até meados do século XX, os chuveiros

ainda não estavam difundidos na região e os banhos eram feitos em grandes tinhas. Registros desta prática puderam ser encontrados apenas no Museu da Imigração Pomerana, e o aspecto que mais chamou a atenção é de que estes banhos aconteciam, independentemente de serem adultos ou crianças, com os envolvidos inteiramente nus” (GEHRKE, 2018, p. 596).

Abstraindo desses casos de diferenças entre os grupos, a tese, em seu conjunto, antes dá a impressão de uma predominância de similitudes, fato que permite deduzir que a importância do fator “etnia” é relativa, quando comparada com fator social “colono”.

Por ter alguma afinidade temática com a tese anterior, registro, em terceiro lugar, a dissertação de Elizandra Voigt sobre *Paisagem e diversidade cultural: as identidades culturais das distintas etnias em Santa Maria – RS*. Se na tese anterior havia uma “etnia” que não está no foco deste texto (“franceses”), aqui são mais de uma. Mesmo assim, a própria produção intelectual da autora sugere que atribui importância especial ao binômio “alemães” e “italianos”, pois eles são [101] tematizados, de forma específica, em outras publicações assinadas por ela (VOIGT/BEZZI, 2011a, 2011b, 2016; VOIGT/ROSSO/BEZZI, 2012). Recorrendo ao conceito de geografia cultural, a autora traça um amplo quadro histórico da ocupação humana da região de Santa Maria, com índios/jesuítas, portugueses, negros, judeus e belgas – e aí no meio entram “alemães” e “italianos”.

O título do item em que a autora descreve a influência alemã em Santa Maria diz muito sobre o conteúdo: “os imigrantes alemães e a modernização do velho núcleo populacional luso-brasileiro” (VOIGT, 2013, p. 73-88). Os códigos culturais que marcariam a presença alemã local seriam arquitetura, oralidade, festas, música e religião. Recorrendo a um variado número de fontes históricas, a importância da presença alemã na configuração da área urbana de Santa Maria é desatada com ênfase. Desde a Revolução Farroupilha, alemães e descendentes teriam sido fundamentais para alavancar comércio, artesanato, indústria. Além disso, sua presença não teria sido pequena até no lazer, por exemplo. Ainda há destaque especial para a parcela luterana desta população, com o exercício de desobediência civil, que teria levado à construção do primeiro templo protestante com torre no Brasil e do repique dos primeiros sinos – coisa proibida durante o período imperial.

O título do item que trata dos “italianos” revela muito sobre a ênfase a ser dada a eles: “italianos e a modernização ultramontana”. Este grupo se caracterizou, ao menos nos primórdios, pela ocupação de espaços rurais – a Quarta Colônia, com sede em

Silveira Martins –, mas seu profundo apego à religião teve influência bastante generalizada sobre toda a região. A intensa mobilização da “colônia italiana” em torno da vida religiosa teria incluído a fundação de escolas de qualidade, fazendo com que “a modernização ultramontana ofereceu a Santa Maria um novo rosto, mas, sobretudo através das escolas [...], uma nova sociedade passa a ser moldada, pois mesmo aqueles pais que não desejavam uma educação católica para seus filhos tiveram que aceitá-la, pela falta de opções” (VOIGT, 2013, p. 93).

Além deste aspecto basilar, a contribuição dos “italianos”, em Santa Maria, estaria presente na arquitetura, no lazer, na gastronomia, no associativismo, fatos que tiveram reflexo no próprio centro urbano, já que, no decorrer do tempo, muitos deles migraram para lá, passando a exercer atividades típicas deste meio.

[102] Mesmo que este trabalho analise a presença e a influência de sete “etnias” em Santa Maria, o próprio número de páginas dedicado a cada uma delas indica que a importância maior foi atribuída a “alemães” e a “italianos”, pois – abstraindo das passagens do texto em que são feitas considerações gerais – estes dois juntos ocupam o mesmo número de páginas que os cinco restantes somados. Além disso, como já aconteceu na tese anterior, as similitudes entre ambos recebem muito mais destaque que eventuais diferenças. Interessantemente, em ambos os casos, a vida religiosa é apresentada como fator de modernização, de “progresso”; mas também os demais campos de atividade citadas indicam para uma contribuição positiva.¹⁰

Por tratar-se de um trabalho também defendido num curso de pós-graduação em Geografia – um ano antes da dissertação anterior – e por, igualmente, recorrer à concepção de códigos culturais, não se pode deixar de referir a tese de doutorado de Helena Brum Neto intitulada *Os territórios da imigração alemã e italiana do Rio Grande do Sul*. A rigor, este trabalho se distingue do anterior apenas pela extensão, pela maior amplitude teórica e empírica, pois se propõe a abarcar o conjunto do estado, recorrendo a um enfoque muito semelhante, com os mesmos conceitos básicos.

Claro, por se tratar de um estudo num patamar acadêmico mais alto, a análise histórica é mais detalhada, com uma descrição minuciosa das transformações ocorridas ao longo do tempo. A escolha dos dois grupos é justificada por sua importância para o estado: “O interesse deste trabalho pela cultura alemã e italiana deve-se à

¹⁰ Naquilo que tange à religiosidade, o protestantismo como orientação “progressista” não soa de todo estranho, mas, ao menos no senso comum “crítico”, atribuir este mesmo qualificativo ao ultramontanismo católico não é muito comum.

expressividade desses povos no contexto da formação territorial rio-grandense, na qual estão implícitas as dimensões política, econômica e cultural. Desse modo, se for analisada a atual configuração do Rio Grande do Sul, identifica-se a influência organizacional do processo de imigração, que teve continuidade através dos seus descendentes, formando paisagens típicas, dotadas de significados simbólicos e materiais resultantes da reterritorialização” (BRUM Neto, 2012, p. 135).

Os códigos avaliados são, basicamente, os mesmos da dissertação recém citada: arquitetura, religiosidade, língua, formas de produção econômica. Um aspecto mais desenvolvido que no caso sobre Santa [103] Maria são as transformações de longo prazo, eventualmente responsáveis pelo recuo ou até pelo desaparecimento de alguns códigos culturais, em certas regiões. Ao contrário daquilo que teria acontecido com os “alemães”, em Santa Maria, esta autora afirma que pretendeu “desmistificar e desconstruir algumas visões propagadas sobre os imigrantes. Primeiramente, é preciso que se pense em relação às diretrizes políticas que orientaram o processo de colonização. Houve um direcionamento para a localização e a estruturação dos territórios e, por conseguinte, os imigrantes não optaram pela área, pois ela já estava determinada. Em termos práticos, os agentes públicos e privados, responsáveis pela implantação das colônias é que definiram suas localizações, diferente do que comumente divulga-se, ou seja, o imigrante não ‘escolheu’ locais semelhantes (do ponto de vista natural) aos que viviam em seus territórios de origem” (BRUM Neto, 2012, p. 154).

Outro aspecto importante é que os códigos culturais “alemão” e “italiano” são inseridos num código cultural “gaúcho”: “Os territórios da imigração alemã e italiana no Rio Grande do Sul integram a heterogeneidade cultural que formou o regionalismo sulino. Não se tem a pretensão de abordar a questão tradicionalista da cultura gaúcha, mas considera-se a relevância das etnias em estudo para sua composição, pois trata-se de territórios múltiplos. Alguns descendentes se ‘consideram gaúchos em relação à totalidade nacional e alemão ou italiano no contexto cultural interno ao Rio Grande do Sul” (BRUM Neto, 2012, p. 217).

Em resumo, também este estudo destaca a contribuição de “alemães” e “italianos” para a configuração do território sul-rio-grandense, apontando para algumas diferenças, mas valorizando, de fato, códigos culturais cujas diferenças são secundárias.

O quinto estudo que trata de “alemães” e “italianos” a ser arrolado é uma “tradicional” história política. Os relativamente poucos comentários que lhe serão

dedicados não devem ser vistos como indicadores de sua importância. Trata-se de um trabalho muito bem embasado em fontes inéditas, com descrições bastante “densas” dos episódios e das situações analisados. Insere-se numa série de dissertações e teses envolvendo o coronelismo nas regiões de colonização alemã e italiana, já existentes, abordando a situação no vale do rio Taquari – de forma específica Encantado, Estrela, Lajeado.

[104] Mesmo que os dois grupos de que estamos tratando sejam referidos no título, o autor, em nenhum momento, se preocupou com uma comparação entre eles, ou algo semelhante – seu interesse se concentrou num território que inclui um município típico de colonização italiana (o primeiro), e dois que, na época, eram considerados típicos de colonização alemã, daí a referência aos dois grupos populacionais. Nada mais.

Em acordo com a historiografia política mais recente sobre o assunto, também aqui não há lugar para referências que apontavam para uma total anomia política, sobretudo nas regiões de colonização alemã (mas também italiana), com uma população completamente alheia à vida política brasileira, permitindo aos “coronéis” de origem lusa um domínio absoluto. Pelo contrário – falando apenas do período republicano –, desde o início desta fase da história brasileira, os “colonos” se envolveram profundamente no jogo do poder político, transformando a história nos respectivos municípios num complexo processo de barganha, que foi responsável por um quadro de permanente instabilidade e preocupação para os representantes do oficialismo estadual.

Nesta linha, o autor escreve: “Com ideias de homogeneização da política borgista nas colônias e da própria ‘germanidade’ e ‘italianidade’, algo criado e disseminado por longos anos, sejam desmentidos pela historiografia atual, vale ressaltar que é percebida a fragmentação e divisão em grupos de todas as situações tratadas aqui. *E são justamente esses [re]ajustes constantes do meio colonial que geravam dores de cabeça aos coronéis da região*, na busca da manutenção dos imigrantes e descendentes sob seus domínios e orientações” (CADORE, 2016, p, 278; grifo acrescentado ao original).

Na mesma linha de estudos sobre outras regiões de colonização alemã e italiana, também no vale do rio Taquari a década de 1920 trouxe mudanças mais profundas no quadro, obrigando os poderosos do status quo estadual a fazer concessões, permitindo que atores políticos originários da e inseridos na região pudessem candidatar-se para os

cargos de chefia nos executivos e para os legislativos municipais, sem que os coronéis “de fora” pudessem manipular estas escolhas.

Encerro esta breve apresentação com dois trabalhos do campo econômico, portanto de uma área mais material, mas que apresentam perspectivas dissimilares naquilo que tange à relação entre “espírito” e “matéria”.

[105] A bibliografia envolvendo imigração e colonização alemãs e italianas, até aqui apresentada, aponta para uma clara valorização de variáveis culturais. Neste contexto, uma tese de doutorado de Glória Silvina Lia Fernández Molina, chamada *Um estudo comparado sobre o desenvolvimento industrial de Caxias do Sul e de Santa Cruz do Sul*, destoa do conjunto, por seu “materialismo”. Estudos sobre a evolução socioeconômica de Santa Cruz do Sul, nos primeiros 80 anos da colonização, indicam, de forma clara, que apesar de tanto colonos luteranos quanto católicos terem partido de bases materiais praticamente iguais, no decorrer do tempo, comércio, artesanato e a incipiente industrialização, até 1930, foram liderados pelos primeiros, pelos luteranos (KRAUSE, 2002).

Isto sugere que a variável “ética protestante” poderia ter influenciado neste processo. De forma mais genérica, porém, poderia agregar-se ainda uma variável “ética germânica”, já que a população da região era, neste período, de origem essencialmente alemã. Esta hipótese, porém, esbarra na evidência empírica de que Caxias do Sul – além de originar-se de uma colonização mais tardia – não se caracteriza nem pela ética “protestante” nem pela “germânica”, mas, mesmo assim, apresenta um grau de industrialização superior ao de Santa Cruz do Sul.

É aí que entra o estudo em questão – nada de “éticas”, de características religiosas ou culturais, pois “elaboramos a tese com a hipótese de que as características técnico-produtivas das principais mercadorias de exportação e, em particular, suas exigências de insumos (a montante) e de processamento (a jusante) na própria região poderiam explicar parcela não desprezível das divergências nas dinâmicas de desenvolvimento e industrialização de Caxias do Sul e de Santa Cruz do Sul” (MOLINA, 2010, p. 286).

“O nosso objetivo geral foi identificar o papel das opções técnico-produtivas originais de duas regiões de padrão de ocupação similar na determinação de suas trajetórias econômicas diferenciadas e crescentemente divergentes, e esse objetivo foi cumprido, já que foi analisado todo o caminho que levou à especialização do vinho e do

fumo nos dois municípios, analisando, também, a imigração, a origem dos municípios, e as principais exportações no fim de século XIX” (MOLINA, 2010, p. 289).

Em resumo: a opção pelo fumo como principal produto na região de Santa Cruz teria levado a exigências mais rudimentares na produção [106] artesanal/industrial complementar, enquanto a produção de vinho teria levado à necessidade do surgimento de atividades e equipamentos complementares mais sofisticados, na região de Caxias do Sul.

Chegamos ao último estudo a ser referido. Trata-se de uma dissertação de mestrado escrita por Diogo Serafim Schmidt, envolvendo *Valores étnicos e empreendedorismo: um estudo sobre a mentalidade empreendedora de descendentes de alemães e de italianos no Rio Grande do Sul*. Como acontece muitas vezes em trabalhos acadêmicos, para um conhecedor, as primeiras 90 páginas não apresentam novidades substantivas, pois baseadas em bibliografia corrente. Mas as 40 páginas do último capítulo, mais as considerações finais, merecem ser lidas. Ali, o autor apresenta o resultado de sua pesquisa propriamente dita, analisando o conteúdo de 16 entrevistas que fez com empreendedores de origem alemã e italiana, em várias regiões do estado.

Mesmo que o binômio etnicidade e empreendedorismo seja referido com uma frequência impressionante, desde o início, e até se leia que “em alguns lugares essa relação [...] foi mais saliente, principalmente na cidade de Caxias do Sul”, pois “entre os empreendedores desta cidade [...] a relação foi mais exaltada”, no final do texto encontramos informações que a relativizam (SCHMIDT, 2015, p. 129).

“A maior evidência de que na maioria dos casos é a etnicidade *simbólica* que é ativada para explicar o empreendedorismo é a forma não espontânea como isso ocorreu nas entrevistas, ao contrário do que imaginávamos com base na entrevista exploratória. A vinculação somente aconteceu quando eles foram estimulados a discorrer sobre a relação entre etnia e empreendedorismo e, dessa maneira, ativa[ra]m essas lembranças e estados de conhecimento” (SCHMIDT, 2015, p. 130; grifo acrescentado ao original). “Ao contrário, a maioria dos interlocutores destaca o *rompimento* com algum padrão do grupo étnico como propulsor para empreender” (SCHMIDT, 2015, p. 132; grifo acrescentado ao original).

Ao longo do texto, não há tentativas de comparar os dois grupos, as referências são sempre ao conjunto. Em apenas duas passagens, há breves observações específicas, uma, ao falar da referida maior insistência na relação entre etnia e empreendedorismo em Caxias do Sul, e a outra, numa observação marginal de que, nas entrevistas, os

“alemães” são vistos como mais racionais, enquanto os “italianos” se caracterizariam por uma maior passionalidade (SCHMIDT, 2015, p. 131). De [107] qualquer forma, este é mais um estudo no qual fatores subjetivos estão no centro das preocupações.

Palavras finais

Pelo próprio formato deste texto, ele não se presta para grandes conclusões, já que se trata, a rigor, de um simples arrolamento de informações. Mesmo assim, pode-se arriscar o palpite de que nos trabalhos acadêmicos da última década sobre imigração e colonização alemãs, no Rio Grande do Sul – incluindo alguns estudos que também abordam os efeitos da imigração e da colonização italianas – o fenômeno demográfico delas decorrente, com suas consequências econômicas, políticas, sociais, culturais resultou em uma tendência de menor preocupação com os três primeiros campos, enfatizando-se muito mais o quarto. Tendo em vista concepções que têm origem em ninguém menos que Max Weber sobre racionalização do mundo (ou o contraponto: desencantamento do mundo), com seus desdobramentos em secularização e em outros fenômenos na mesma linha, aliadas a constatações empíricas de que a língua como elemento indicador de uma subjetividade identitária, estão em recuo entre as populações em foco, não deixa de causar certa surpresa a constatação de que o interesse acadêmico pelas “colônias” alemã e italiana denota uma preocupação dominante justamente por fatores mais “subjetivos”, ainda que em alguns casos o interesse “material” de explorar esta “subjetividade” para atender a demandas do mercado (turismo, por exemplo) fique bastante evidente. De qualquer forma, se desde o século XIX uma das principais preocupações da bibliografia se voltava para coisas como “assimilação”, “aculturação”, estas estão concluídas, mas, mesmo assim, as duas “colônias” não desapareceram do mapa – e, insista-se, não se trata só do mapa que indica o nível de incidência de câncer de pele, por exemplo.

Referências bibliográficas:

Considerando ser impossível apresentar a lista das teses e das dissertações, remete-se ao link abaixo, onde constam todas elas:

<https://www.renegertz.com/16-outros-textos/167-teses-dissertacoes?highlight=WyJvdXRyb3MiLCJ0ZXh0b3MiLCJvdXRyb3MgdGV4dG9zII>
0=

BRUM Neto, Helena. *Os territórios da imigração alemã e italiana do Rio Grande do Sul*. Tese (Doutorado em Geografia) – UNESP, Presidente Prudente, 2012.

CADORE, Marcos César. *O borgismo no Alto Taquari: uma análise das relações de poder coronelistas nas colônias alemãs e italianas (1903-1928)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2016.

[108] GEHRKE, Cristiano. *Imagens e cotidiano de imigrantes alemães, franceses e italianos e seus descendentes na Serra dos Tapes: descrição e interpretação dos acervos fotográficos do Museu da Imigração Pomerana, Museu da Colônia Maciel e Museu da Colônia Francesa*. Tese (Doutorado em Memória Social e Patrimônio) – Universidade Federal de Pelotas, 2018.

GERTZ, René E. A imigração italiana no Rio Grande do Sul na opinião de algumas lideranças alemãs. In: DE BONI, Luís A. (Org.). *A presença italiana no Brasil* (vol. III). Porto Alegre/Torino: EST/Fondazione Giovanni Agnelli, 1996, p. 126-132.

GERTZ, René E. Imigração e história. In: GIRON, Loraine Slomp; RADÜNZ, Roberto (Orgs.). *Imigração e cultura*. Caxias do Sul: EDUCS, 2007, p. 73-86.

GERTZ, René E. Colônias mistas. In: *Anais do XVII Simpósio de História da Imigração e Colonização: Imigração e Relações Interétnicas* (São Leopoldo, 2006). São Leopoldo: OIKOS Editora, 2008, p. 519-530.

GERTZ, René E. “Gringos” e “alemãos” no Rio Grande do Sul. In: RADÜNZ, Roberto; HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti (Orgs.). *Imigração e sociedade: fontes e acervos da imigração italiana no Brasil*. Caxias do Sul: EDUCS, 2015, p. 206-231.

GERTZ, René E. Imigração, história, literatura: a Segunda Guerra Mundial no Rio Grande do Sul. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, n. 152, p. 97-113, 2017.

GOODMAN, Glen S. *From “German danger” to German-Brazilian President: immigration, ethnicity, and the making of Brazilian identities, 1924-1974*. Tese (Doutorado em História) – Emory University, Atlanta, Estados Unidos, 2015.

HORBACH, Aline Regina. *A variação do ditongo nasal ão nas comunidades bilíngues de Panambi e Flores da Cunha, no Rio Grande do Sul*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

JUNGES, Débora de Lima Velho. *Educação matemática e processos de subjetivação em formas de vida da imigração alemã no Rio Grande do Sul, na campanha de nacionalização*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2017.

KRAUSE, Silvana. *Migrantes do tempo: vida econômica, política e religiosa de uma comunidade de imigrantes alemães na República Velha*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.

KROETZ, Ketlin. *Etnomatemática e relações de poder: uma análise das narrativas de colonos descendentes de alemães do vale do rio dos Sinos*. [109] Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

KUHN, Malcus Cassiano. *O ensino da matemática nas escolas evangélicas luteranas do Rio Grande do Sul, durante a primeira metade do século XX*. Tese (Doutorado em Ensino de Ciências e Matemática) – Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2015.

MOLINA, Glória Silvana Lia Fernández. *Um estudo comparado sobre o desenvolvimento industrial de Caxias do Sul e de Santa Cruz do Sul*. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional) – Universidade de Santa Cruz do Sul, 2010.

PAUTZ, Silvia. *Linguagem e preconceito: discutindo o bullying nas ambiências escolares da cidade de Panambi/RS*. Dissertação (Mestrado em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social) – Universidade de Cruz Alta, 2015.

SCHMIDT, Diogo Serafim. *Valores étnicos e empreendedorismo: um estudo sobre a mentalidade empreendedora de descendentes de alemães e de italianos no Rio Grande do Sul*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

VOIGT, Elizandra; BEZZI, Meri Lourdes. CD interativo sobre a cultura alemã e italiana no município de Santa Maria (RS): instrumento auxiliar na prática pedagógica de Geografia. *Geografia*, Londrina: UEL, v. 20, n. 1, p. 87-114, 2011a.

VOIGT, Elizandra; BEZZI, Meri Lourdes. Desenvolvimento e especificidades do espaço rural de Santa Maria/RS/Brasil: identidades culturais – alemã e italiana. In: *VII Jornadas Interdisciplinarias de Estudios Agrarios y Agroindustriales*. Buenos Aires, 2011b.

VOIGT, Elizandra; ROSSO, Beatriz Deprá; BEZZI, Meri Lourdes. A contribuição da cultura alemã e italiana para o espaço rural de Santa Maria/RS/Brasil. In: *XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária – ENGA*. Uberlândia, 2012.

VOIGT, Elizandra. *Paisagem e diversidade cultural: as identidades culturais das distintas etnias em Santa Maria – RS*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Maria, 2013.

VOIGT, Elizandra; BEZZI, Meri Lourdes. O imigrante alemão e o italiano no Rio Grande do Sul: os reflexos de sua inserção na organização do espaço rural de Santa Maria/RS. In: BEZZI, Meri Lourdes; BRUM Neto, Helena (Orgs.). *Geografia Agrária e transformações socioespaciais: enfoques teóricos, regionais e locais*. São Leopoldo: OIKOS Editora, 2016, p. 98-116.